



A BELEZA DA VIDA CONTEMPLATIVA: FACULDADES DA MEDITAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DOS SALMISTAS

The beauty of contemplative life: faculties of meditation in the experience of psalmists

José da Cruz Lopes Marques*



* Formado em Teologia; graduado, mestre e doutor em Filosofia. Professor colaborador da Faculdade Batista do Cariri. É professor efetivo de Filosofia do Instituto Federal do Ceará. Autor dos livros: *Diário de sonhos do Doutor Satírico*, *Cultivando a reciprocidade* (em coautoria com José Roberto Costa) e *Vestígios de Deus*.

Contato:
markvani18@yahoo.com.br

Recebido em: 14/11/2020

Aprovado em: 27/12/2020.

RESUMO:

O presente ensaio procura refletir acerca da importância da meditação para a devoção cristã. Partindo de algumas experiências dos salmistas, a análise assumirá como hipótese inicial a ideia de que a prática meditativa possui uma dimensão ampla, colocando em evidências as mais diversas faculdades da alma, a saber, a concentração, a imaginação, a memória e as emoções.

Palavras-chave: Vida contemplativa; Devoção; Meditação; Santidade.

ABSTRACT:

This essay seeks to reflect on the importance of meditation for Christian devotion. Starting from some experiences of the psalmists, the analysis will assume as an initial hypothesis the idea that the meditative practice has a wide dimension, putting in evidence the most diverse faculties of the soul, namely, concentration, imagination, memory and emotions.

Key-words: Contemplative life; Devotion; Meditation; Holiness.

NOTA PRELIMINAR

Aquele que vê a Deus possui, por via dessa visão, todos os bens imagináveis: uma vida sem fim, uma incorruptibilidade perpétua, uma alegria inesgotável, um poder invencível, delícias eternas, uma luz verdadeira, as doces palavras do espírito, uma glória incomparável, uma satisfação ininterrupta, enfim, todos os bens (GREGÓRIO DE NISSA, **Homilias sobre as bem-aventuranças**).

As palavras acima, que chamam a nossa atenção por sua sensibilidade poética e profundidade teológica, foram proferidas em meados do quarto século pelo grande pai capadócio e defensor da ortodoxia cristã Gregório de Nissa. Elas revelam, por um lado, a piedade e devoção do irmão mais jovem de Basílio Magno, por outro, definem uma prática muito comum nos primeiros séculos da igreja cristã: a prática da meditação. De fato, a vida contemplativa, como também será designada a meditação pelo cristianismo medieval, era vista nesse período não apenas como um mero exercício, mas como um estilo de vida praticado e ensinado por grandes personagens da história cristã como Agostinho, Ambrósio, Anselmo, Thomas More e tantos outros. Viver de forma contemplativa e meditativa era certamente o ideal de vida mais elevado que um cristão poderia ansiar nesse período. Aquele que possuía, por assim dizer, o dom de ver a Deus era considerado ditoso, um bem-aventurado ainda nesta vida.

Certamente, não é preciso ser nenhum doutor em teologia ou em história da Igreja para constatar que a meditação não representa, nem de longe, aquilo que representou para os cristãos no passado. O que justifica uma mudança tão drástica em relação á meditação? Seria a correria dos tempos modernos, a velocidade das informações ou o barulho ensurdecedor que tem roubado a nossa paz mesmo nas pequenas cidades? O motivo do descaso para com a vida contemplativa estaria na superficialidade do cristianismo praticado em nossos dias ou no caráter supostamente ascético dessa disciplina espiritual?

Todos os motivos sugeridos acima poderiam justificar a pouca importância dada pelo cristão contemporâneo à meditação. Há, contudo, uma razão de natureza histórica que gostaria de aludir nesta nota inicial. Os ramos mais conservadores da Igreja perderam o interesse pela meditação por conta da identificação entre esta e a corrente mística do cristianismo. Esta corrente, da qual o próprio Gregório de Nissa foi um dos pioneiros, via a meditação como um meio para alcançar a mente de Deus, uma espécie de acesso imediato à natureza divina vedado às pessoas comuns. Este pensamento, dentre outros, levou a igreja a considerar os místicos com bastante reserva. Conseqüentemente, os ramos

mais conservadores do cristianismo foram aos poucos negligenciando a meditação, considerando que essa era uma das práticas mais distintivas do chamado misticismo cristão. Acrescente-se a isso o fato dessa corrente estar ligada ao cristianismo católico. De fato, boa parte dos maiores representantes da tradição mística está ligada direta ou indiretamente ao catolicismo. Na lista há nomes como Gregório Magno, Hugo de São Vitor, São Boaventura, Francisco de Assis, Tereza de Ávila, João da Cruz, Carlos de Foucauld, Simone Weil, Thomas Merton, Edith Stein e outros. Termos como oração contemplativa, oração da união, oração da quietude e *lectio divina*, que chegam a causar certo desconforto aos ramos mais conservadores do protestantismo, foram cunhados pela tradição mística católica. A título de exemplo, uma das mais importantes obras sobre meditação, denominada *Exercícios espirituais*, foi escrita pelo monge espanhol Inácio de Loyola, fundador da ordem católica da Companhia de Jesus, os jesuítas.

Polêmicas à parte, meu objetivo neste ensaio é repensar o lugar da prática meditativa para além do período medievo, bem antes do surgimento da mística cristã. Neste sentido, faremos um passeio pelo livro dos Salmos e, a partir daí, reencontrarmos a beleza da vida contemplativa ao ponto de alguém como Davi afirmar que a única coisa que desejava era poder contemplar a beleza de Deus e meditar em seu templo (Sl. 27:4). Obviamente, não consideraremos todos os aspectos que envolvem a disciplina da meditação. Nossa reflexão estará restrita à análise das faculdades que são colocadas em evidência na prática meditativa. Também é mister esclarecer que trataremos a questão em um número reduzido de Salmos.

1 – A FACULDADE DA CONCENTRAÇÃO

A ti elevo os meus olhos, ó tu que estás entronizado nos céus. Assim como os olhos dos servos estão fitos nas mãos do seu senhor, como os olhos da serva estão fitos nas mãos de sua senhora, assim os nossos olhos estão fitos na mão do Senhor nosso Deus, até que ele se compadeça de nós”. (BÍBLIA, **Salmo**. 123:1,2).

A importância da concentração durante o exercício meditativo pode ser ilustrada pelas palavras do salmista descritas acima. Ele utiliza como comparação o relacionamento entre o servo e seu senhor. Os olhos do servo estão fitos na mão do seu senhor, outra forma de dizer que ele está totalmente concentrado na ação do seu senhor. Ele está atento

porque sabe que um simples gesto realizado pelo seu senhor pode representar a aceitação ou o desprezo, a clemência ou a punição a vida ou a morte. As expressões e figuras empregadas pelo salmista para falar da concentração, entretanto, são ricas em significado e merecem um tratamento mais detalhado. Vejamos:

1.1 - A ti elevo os meus olhos

A expressão “elevar os olhos” ou “ter um olhar altivo” possui dois significados básicos no Antigo Testamento. Em primeiro, lugar ela pode ser pensada com o sentido de soberba, arrogância ou vanglória. E neste sentido, por exemplo, que o salmista Davi afirma em um paralelismo sinônimo que o seu coração não é soberbo e o seu olhar não é altivo (Sl. 131:1). A ideia fundamental desse uso mais negativo da expressão consiste na tentativa desesperada de tentar se elevar a uma posição acima daquela que a nossa dignidade permite. É tentar colocar-se acima do que realmente podemos ser, olhar para a nossa grandeza sem, ao mesmo tempo, olhar para a nossa miséria, considerar o que somos sem antes atentar para aquele que nos fez ser o que somos.

Há, contudo, um segundo sentido para esta expressão, um sentido bastante distinto do apresentado acima. Em uma acepção positiva, esta frase indica ao mesmo tempo concentração e humildade. De fato, a concentração é tão intensa que o salmista é capaz de ter uma visualização do trono divino, é capaz de ver em detalhes o esplendor e a glória do Criador. Ao mesmo tempo, sua atitude é de completa humildade. Ele se coloca como aquele olha de baixo para cima, outra forma de dizer que a concentração na grandeza de Deus torna evidente a sua pequenez e impotência, reconhece o poder glorioso daquele que habita as regiões celestiais ao mesmo tempo em que evidencia as suas limitações terrenas. Pelo menos nesse contexto é possível unificar os dois sentidos da expressão. Nesse caso poderíamos falar de uma concentração humilde. De fato, é exatamente porque o salmista está plenamente concentrado em Deus que o seu senso de humildade se aguça. Esta é uma verdade bastante evidente nas Escrituras. Todo aquele que volta os olhos para Deus e consegue visualizar uma fagulha da glória do Todo-Poderoso, é tomado por um profundo sentimento de humildade. Talvez o exemplo mais contundente para esta verdade na Bíblia seja o do profeta Isaias. Depois de ter uma visão da majestade e santidade divinas ele só pode reconhecer que está perdido por ser um homem de lábios impuros (Is. 6:1-5). Como nos lembra C. S. Lewis (2005, p. 165), a arrogância é fruto do

desconhecimento de Deus. Todo aquele que conserva um coração movido pela soberba é porque ainda não aprendeu a olhar para Deus, considera-se tão grande porque ainda não aprendeu a concentrar-se na grandeza daquela que fez todas as coisas. Parafraseando as sábias palavras de Pascal (2001) nos *Pensamentos*, aquele que sabe pouco sobre Deus, também é ignorante acerca de si mesmo. Esta dupla ignorância da qual fala o filósofo tem sido constante em nossas vidas exatamente porque negligenciamos o exercício da faculdade da concentração, perdemos o encanto de elevar os olhos para Deus.

1.2 - Nossos olhos estão fitos

Etimologicamente falando, o verbo fitar significa olhar fixamente. Esta expressão tem um sentido semelhante a anterior. Estar com os olhos fitos em Deus é outra forma que o salmista emprega para dizer que está completamente concentrado em Deus, sua alma está totalmente voltada para o Senhor. Para os escritores antigos, a visão era o mais importante dos órgãos do sentido, exatamente porque possibilitava a percepção de um maior número de características dos objetos ao nosso redor. A visão era, portanto, a suma de todo o conhecimento sensível. Nesta passagem, de forma metafórica, o salmista emprega a visão num sentido semelhante. O olhar, na verdade, resume toda a atividade da alma. Ao empregar essa figura, o salmista destaca o caráter sublime da meditação concentrada. É como se ele quisesse demonstrar que nesse momento envolvente todo o seu ser se volta para Deus. Não são apenas os olhos, fisicamente falando, mas toda a alma que olha atentamente para o Criador em um gesto de reverência, humildade e dependência. Meditar é, portanto, ter a capacidade de olhar fixamente para o trono de Deus.

1.3 - Como os olhos dos servos

Ao recorrer a analogia do senhor e do servo o autor sagrado evidencia de forma contundente a importância da faculdade da concentração durante a nossa contemplação de Deus. Em termos gerais, o relacionamento entre um senhor e um servo é marcado pelo contraste entre poder e a impotência, entre o domínio e a submissão. O servo, portanto, acha-se em uma situação de profunda dependência em relação ao seu senhor, por isso anela concentradamente um gesto que represente a expressão de sua misericórdia. Havia

um costume entre os reis da antiguidade que pode servir de pano de fundo para a analogia empregada pelo salmista. Um servo que desejasse suplicar um favor ou obter a clemência do seu senhor não poderia adentrar a sua presença de imediato. Ele ficava aguardando a certa distância até que o monarca erguesse o seu cetro e o apontasse na sua direção. Por isso, ele se mantinha atento para a mão do seu senhor, aguardando ansiosamente que ela se erguesse como expressão de sua clemência. Assim, o salmista expressa a sua concentração em Deus. Ele é como o servo, totalmente dependente da benevolência do Senhor, por isso, nem por um instante, é capaz de retirar o seu olhar do Todo-Poderoso. Neste momento, a única coisa que pode ocupar seus pensamentos é a possibilidade da atuação divina.

A concentração nos permite contemplar a atuação divina, vislumbrar o exato momento em que ele move a sua mão como expressão de seu amor e fidelidade. Com isso percebe-se o perigo de não fazermos o uso dessa faculdade contemplativa. A distração retira a nossa visão espiritual e nos torna incapazes de ver a mão de Deus se movendo milagrosamente. Esse estar cego para os feitos divinos alimenta em nossos corações o monstro insensível da ingratidão, torna o nosso presente sem sentido e o nosso futuro sem esperança.

1.4 – Concentração e consciência

A faculdade da concentração garante que a atividade meditativa seja plenamente consciente. É verdade que, durante o processo, o meditante é levado a se desligar momentaneamente das perturbações e agitações cotidianas, mas até esse desligamento é feito de forma sóbria e consistente. Ele até poderá perder a noção do tempo enquanto medita, poderá iniciar a meditação em pleno dia e, de repente, ser desperto pelo frio silencioso da noite, mas ainda essa viagem ao mar da vida contemplativa é feita no barco da consciência. Na verdade, o meditante desliga-se apenas das falsas realidades que o aprisionam com seus encantos fugazes. A meditação não é uma fuga banalizada do real, não significa alienar-se ou simplesmente fechar os olhos para as coisas ao nosso redor. Pelo contrário, é tirar os olhos momentaneamente das coisas para poder contemplá-las de forma mais profunda e intensa. Isso requer grande empenho racional e disciplina intelectual. Dessa forma, contrariando toda a tradição mística, a meditação, em seu sentido mais primordial, não possui um caráter cabalístico ou esotérico. Ela é uma

atividade relativamente simples. Entenda-se por simples o fato dela ser possível a qualquer crente e não apenas aos mestres esotéricos e aos gurus espirituais. A faculdade do pensamento, bem como a capacidade para mover o pensar apara objetos diversos é inerente a todo o ser humano. Do cristão, que teoricamente possui a mente de Cristo, espera-se que essa capacidade esteja em um grau mais elevado de desenvolvimento. Por fim, qualquer tipo de meditação que exalte os estados inconscientes da alma não pode ser classificada como bíblica. Essa prática se assemelha muito mais aos êxtases místicos das chamadas religiões de mistério.

A concentração enquanto faculdade da meditação está intimamente ligada à racionalidade. Na atividade meditativa a razão está em plena atividade. É verdade que ela procura investigar a verdade oculta, mas essa investigação é feita com o auxílio da razão. Qualquer prática que seja fundamentada meramente em impulsos irracionais não pode ser entendida como meditação bíblica. A meditação exige ponderação, reflexão, julgamento e discernimento, tarefas que só podem ser efetivadas pelo uso da racionalidade. A concentração é, por conseguinte, a evidência de que somos dotados da faculdade da razão. É como se a meditação nos permitisse um reencontro com a nossa própria essência.

Obviamente, meditar não significa apenas pensar em Deus, mas deve ser enfatizado que o seu ponto de partida está na faculdade intelectual, ou seja, é preciso que o crente esteja preparado para conduzir o seu pensamento para Deus, de forma voluntária e consciente. Este fato fica evidente na própria etimologia das palavras empregadas para meditar tanto no Antigo quanto no Novo testamentos. Meditar significa lembrar, refletir, planejar, ponderar, para mencionar alguns. É preciso que saibamos quem é aquele a quem dirigimos nossos pensamentos, do contrário, a nossa meditação será vazia e nosso consolo será fugaz. Os grandes servos de Deus do passado, em sua meditação, expressavam um grande conhecimento de Deus. Os salmistas em especial, deixam claro que durante este estado contemplativo suas mentes passeavam pelos feitos de Deus na história. Sua mente e pensamentos estavam centrados de forma íntima no Criador. Eles estavam inteiramente concentrados em Deus. Além disso, a meditação é um aprendizado. Por meio dela aprendemos a contemplar, amar e nos deleitar constantemente em Deus (FOSTER; GRIFFIN, 2010, p. 38). Isso torna a faculdade da concentração indispensável para a meditação.

1.5 – Concentração e paciência

Há uma relação muito próxima entre a distração e a impaciência. Nesse contexto, poderíamos até definir a impaciência como a incapacidade de focalizar um objeto, pessoa ou situação por um tempo considerável. O impaciente é incapaz de se concentrar, por isso, a sua mente está condenada a vagar de lugar em lugar sem nunca encontrar algo que possa prender a sua atenção por mais que alguns instantes. Movido por sua impaciência, ele sente a necessidade de mover rapidamente o seu olhar para realidades diversas. Como um olhar tão fugaz e distraído pode parar para contemplar o Senhor das moradas eternas? Ele não tem paciência suficiente para poder descansar em Deus. No texto em destaque percebe-se claramente uma atitude de resignação e paciência da parte do salmista. Ainda que a sua situação seja extremamente conturbada por conta da opressão dos homens maus, a sua firme decisão é de confiar no Senhor até que ele decida expressar a sua misericórdia.

O salmista conhece bem o caráter dos seus opressores, sabe que dos seus lábios destilam a peçonha do escárnio e do desprezo, mas ele sabe, sobretudo, quem é o seu Deus. Ele é capaz de contemplar a mão do Senhor e perceber que ele está prestes a agir. Sua paciência é, portanto, fruto de seu profundo conhecimento de Deus, e este conhecimento é decorrente de sua capacidade de concentrar-se no Todo-Poderoso, de voltar a sua visão espiritual para a glória divina. Ele poderia muito bem revidar as ofensas constantes, tentar vencer os seus adversários utilizando-se de suas próprias forças, poderia até mesmo, em uma atitude de desespero, utilizar-se das mesmas armas carnis empregadas por seus inimigos. Se assim o fizesse, poderia até destruir os seus adversários, mas não sairia vitorioso, pois teria sido vencido por si mesmo. Mas ele rejeita esse caminho, aparentemente mais fácil. Resolve esperar pacientemente o livramento divino, e o faz por uma única razão: ele está concentrado em Deus. Ele é capaz de suportar as pressões terrenas porque os seus olhos estão voltados para o céu. Como diria Tomás de Kempis (2008, p. 75) séculos depois, ele sabe que não é coisa penosa desprezar a consolação humana quando estamos certos da consolação divina. Quando temos Deus diante dos nossos olhos não importa o que nos façam os homens. Nossa alma até poderá estar amortecida pela dor, a angústia poderá lançar trevas em nossos corações, desde que os nossos estejam abertos.

2 – A FACULDADE DA IMAGINAÇÃO

“Ó Deus, tu és o meu Deus; ansiosamente te buscarei. A minha alma tem sede de ti, a minha alma anseia por ti numa terra árida e cansada, onde não há água (...) Como de banha e de gordura será saciada a minha alma, e, com lábios de júbilo, te louvará a minha boca. Quando, no meu leito, de ti me recordo e em ti medito durante as vigílias da noite”. (BÍBLIA, **Salmo** 63:1,2,5,6).

Talvez a faculdade da imaginação seja a mais difícil de ser exercitada durante a atividade meditativa. Não é à toa que os teólogos medievais acreditavam que aquele que realizasse a purificação da imaginação teria alcançado a medida completa da virtude. O controle da faculdade imaginativa era visto como uma perfeição moral e espiritual. Por conta de sua natureza instável e pela nossa indisciplina, não é fácil direcioná-la para a contemplação das verdades e feitos divinos.

Ao mesmo tempo, ela também pode ser considerada uma faculdade bastante rica, capaz de nos proporcionar momentos inefáveis de edificação, deleite e enlevo espiritual. Além da contemplação, ela está associada ao desenvolvimento das nossas potencialidades, ao nosso desejo de progresso e crescimento. Num certo sentido, a imaginação é o desejo visualizado daquilo que gostaríamos de ser. Nesse aspecto, a imaginação pode ser vista como o fundamento do nosso progresso.

2.1 – A figura do viajante sedento

No texto destacado acima, o salmista Davi utiliza a sua capacidade imaginativa a fim de enriquecer os seus momentos de meditação. Percebe-se claramente como ele emprega essa faculdade para visualizar as verdades divinas, acrescentando vivacidade, clareza e profundidade à sua comunhão com o Pai. Por meio da criação de imagens, ele pode contemplar a Deus durante a meditação. Em primeiro lugar, o salmista se utiliza da imagem de um viajante sedento para descrever o modo como a sua alma anseia pela companhia e consolo divinos. Ele imagina a figura de uma pessoa caminhando em um deserto em busca de água. Diante do sol escaldante e das tempestades de poeira que fazem ressecar toda a umidade e hidratação do corpo, ele anela pelo líquido vital que possa mitigar-lhe a sede. Durante a árdua caminhada, a sua sede é tão intensa que sua mente cansada projeta imagens de oásis à sua frente. Na aridez do deserto, a água é aquilo que a sua alma deseja com maior intensidade. Nesse momento, nada lhe parece mais precioso.

Se alguém lhe oferecesse a fortuna e ainda todos os prazeres do mundo, ele seria capaz de renunciá-los por uma única gota d'água que pudesse lhe refrescar a língua. É dessa forma que o salmista imagina a sua necessidade de Deus e o modo como sua alma anela a satisfação da sede espiritual. Por meio de sua imaginação, ele consegue visualizar um viajante sedento em busca de água, e é dessa forma que ele imagina a sua busca pela comunhão íntima com Deus. A imaginação de Davi coloca-o, portanto, diante de sua extrema necessidade de Deus. Quando o viajante sedento encontra a água tão desejada, toda a sua busca cessa. Assim também é o salmista. No exato instante em que ele mergulha nas fontes celestes, todas as suas inquietações desaparecem e sua alma repousa plenamente satisfeita.

2.2 – A figura do banquete celestial

Em um segundo momento, o salmista emprega a sua imaginação para visualizar um farto banquete, figura que representa a ideia de satisfação dos prazeres sensíveis. Para Davi, estar na presença do Senhor e desfrutar com Ele de uma intensa comunhão é como estar diante de um delicioso e revigorante banquete. Assim como o alimento físico alimenta o nosso corpo além de possibilitar o prazer dos sentidos, a presença do Senhor é doce alimento para alma e fonte de grande gozo espiritual. Mas a imaginação do salmista não para por aí. Davi recorre à figura da gordura para mostrar como há farta consolação em estar na presença do Senhor. A ideia é que aquele que, por meio da vida contemplativa, consegue visualizar o Senhor não carece de qualquer outro consolo, não precisa de qualquer outro alimento, pois a sua fome espiritual encontra-se saciada.

A presença do Senhor é, portanto, água que sacia a sede da alma e rico alimento que satisfaz a fome espiritual. Trata-se de um profundo deleite e, como nos diz Jeanne Guyon, “quem se deleita em Deus e na doçura do seu amor, achará impossível colocar a sua afeição em qualquer outra coisa que não seja Nele” (GUYON, 2000, p. 5), não carece de qualquer outro alimento ou consolo. Além de representar as ideias de prazer, deleite e satisfação, a figura do banquete está associada ao conceito de dignidade. O salmista considera um privilégio incomparável poder estar na presença do Senhor, semelhante ao conviva que tem a honra de participar de um rico banquete. Pelo uso da meditação imaginativa adentramos ao cenáculo donde está posta a farta mesa do Criador e temos o privilégio de nos alimentar com suas delícias eternas.

2.3 – Importância da imaginação

A relação entre a imaginação e a disciplina meditativa pode ser atestada pela própria etimologia das palavras utilizadas para meditar tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Tanto o hebraico *hagar* quanto o grego *meletao* podem ser traduzidos como imaginar. Por meio da imaginação o crente cria imagens dos acontecimentos e das verdades divinas, é capaz de penetrar as regiões celestiais e contemplar o esplendor da glória divina, pode, ao lado de Cristo, percorrer os estreitos e empoeirados caminhos da Palestina, pode viajar ao Gólgota durante a Ceia e contemplar o Filho de Deus entregue à agonia e aos tormentos da cruz, ou percorrer a estrada de Damasco para aprender com conversão de Paulo. A importância da imaginação durante a nossa atividade meditativa é bem destacada por João de Apameia. Segundo esse teólogo patrístico, poder contemplar a paixão de Cristo por meio da meditação concede fortaleza espiritual à nossa alma, fundamenta nossa justiça e todas as nossas boas obras.

A imaginação nos ajuda, portanto, a conservar de forma vívida a imagem do Senhor, procurando associar essa divina contemplação ao nosso viver diário. Num certo sentido, ela está sempre a reativar a nossa relação com Cristo, ao mesmo tempo em que confirma a essência da nossa fé. O fato é que nenhuma crença que fundamenta a nossa doutrina e prática pode se esquivar por completo da faculdade da imaginação. Não há qualquer cristão que creia no céu que não tente imaginar como é este lugar. Além disso, acrescenta Francisco de Sales (1958, p. 40), a imaginação pode servir como instrumento de purificação da alma. Segundo ele, a contrição verdadeira só acontece quando nós somos capazes de formar uma vívida imagem do pecado e de suas consequências danosas. Dito de outro modo, só poderemos ter aversão e repúdio ao pecado se pudermos visualizar a sua face monstruosa.

2.4 – Objeções e respostas

Richard Foster nota que alguns cristãos têm negligenciado o uso da imaginação por conta de sua natureza instável. Afirmam que ela pode ser usada pelo Maligno. Aqueles que fazem uso de tal faculdade serão irremediavelmente seduzidos e ludibriados pelas artimanhas dos demônios. Contudo, segundo o autor de *Celebração da disciplina* está não é uma razão plausível para descartarmos esta faculdade. Do contrário, teríamos

que abandonar todas as outras faculdades da mente, ambas sujeitas aos efeitos desastrosos da Queda e à influência do inimigo (FOSTER, 1983, p. 47). Sobre esta questão, as palavras de Alexander White são bastante esclarecedoras. Segundo ele “a imaginação verdadeiramente cristã jamais permite que Jesus Cristo saia do nosso campo de visão” (WHITE apud FOSTER, 1983, p. 63). De fato, o pensamento é aquilo que existe de mais instável na essência humana, e a imaginação aquilo que existe de mais instável no pensamento. Ela pode visualizar as verdades divinas, mas também pode trilhar as sendas da perversidade, pode ter uma visão da majestade e glória eternas, mas também é capaz de retratar a face sombria da morte, pode desenhar a pureza e a santidades em suas formas perfeitas, mas pode entregar-se á lascívia e à sensualidade. Não há dúvida que a imaginação, como a nossa mente por inteiro precisa ser disciplinada, purificada e santificada a fim de ser utilizada na meditação. Seria um grande equívoco simplesmente descartá-la, com base no argumento de seu caráter instável e corrompido. Seria como deixar de se utilizar dos conhecimentos da medicina simplesmente porque sabemos que em algumas circunstâncias esses conhecimentos já foram utilizados para ceifar vidas. Deus nos criou com a faculdade da imaginação, condizente com a nossa condição limitada e com o nosso desejo de aperfeiçoamento. Quando a empregamos da forma correta é um modo de prestarmos tributo a ele.

2.5 – Domando o corcel alado

No contexto da literatura devocional a imaginação já recebeu inúmeras analogias. Francisco de Sales (1948), por exemplo, utilizou-se da figura de um pássaro para se referir a essa faculdade da meditação. Segundo esse teólogo, a imaginação é indispensável para a atividade contemplativa. Ela é como um falcão preso pela trela. Ele tem certa liberdade para voar, mas sempre retorna para o braço do seu dono. Assim deve ser a imaginação. Ela pode alçar os seus voos, mas não pode ficar vagando desordenadamente de um lugar para outro. Será, de fato, desastroso se perdermos o poder de controlar os voos de nossa imaginação. Donald White, por sua vez, compara a faculdade imaginativa a uma serva que, tendo a vontade cativa, poderá nos auxiliar na contemplação das verdades divinas. Mas não existe nada mais ameaçador do que um servo rebelado. Ele pode causar grandes danos ao seu senhor. De forma semelhante acontece a imaginação se ela se encontrar rebelada.

Embora as comparações feitas acima sejam pertinentes, a nosso ver, a faculdade imaginativa pode ser melhor comparada com um corcel alado. Essa imagem mítica que acompanha o nosso imaginário desde a infância, destaca-se por sua força, destreza e impulsividade. É capaz de levar o seu condutor às alturas, de levá-lo a experimentar as sensações mais inefáveis de liberdade, pode proporcioná-lo a visão do mundo inteiro diante dos seus olhos, como se tudo aquilo que parecia distante pudesse ser contemplado das alturas. Mas o condutor jamais pode perder o domínio sobre as rédeas do corcel. Se isso acontecer, ele poderá ser levado a lugares indesejados, o corcel poderá arremessá-lo violentamente contra os picos dos montes, poderá derrubá-lo e destroçar o seu corpo pelo impacto da queda. Em suma, se domar o corcel, o cocheiro poderá experimentar a sensação de poder, mas se perder o controle, será reduzido a nada.

Sob muitos aspectos a nossa imaginação é como o corcel indomado referido acima. Ela é forte para criar as mais diversas imagens e impulsiva para se lançar a toda sortes de objetos ou realidades, por isso, precisa ser domada com firmeza e disciplina. É preciso ter com ela o cuidado que o cocheiro tem para com o corcel alado. Do contrário, ela poderá nos arremessar para os abismos escuros do pecado e destruir a nossa espiritualidade; se não segurarmos firmemente as suas rédeas, ela poderá nos conduzir ao pântano escorregadio da ilusão nos fazendo perder toda a visão do real, poderá nos reduzir a uma existência alienada e tornar a nossa consciência entorpecida. Não há, contudo, a necessidade de destruí-la ou eliminá-la, ela precisa apenas ter o seu ímpeto controlado e o seu potencial criativo direcionado para as verdades divinas. Não precisamos utilizar a imaginação como fuga, mas para contemplar a realidade em um nível mais profundo; não precisamos empregá-la como instrumento de lascívia, mas para experimentar o deleite que brota da contemplação de Deus e de suas verdades. Francisco de Sales nos dá um bom exemplo sobre como podemos usar a imaginação durante a atividade meditativa, conforme podemos observar abaixo:

Representa-te uma noite serena e tranquila e pondera quão agradável é contemplar o céu todo resplandecente ao brilho de tantas estrelas. Ajunta a estes encantos inefáveis as delícias de um claro dia, em que os raios mais brilhantes do sol, entretanto, não encobrissem a vista das estrelas e da lua; e, feito isso, diz a ti mesmo que tudo isso não é absolutamente nada, em comparação com a beleza e glória do paraíso. Considera a nobreza, a riqueza, a formosura e todas as excelências da companhia santa daqueles que vivem aí; esses milhões de anjos, de serafins e querubins; esses exércitos inumeráveis de apóstolos, de mártires e de tantos outros santos e santas. Oh! Que união bem-

aventurada a dos santos na glória de Deus. O menor de todos eles é mais belo do que o mundo inteiro; que dita será então vê-los todos juntos! Meu Deus, que felizes são eles! Sem cessar e sem fim levam a cantar os doces cânticos do eterno amor; regozijam-se num júbilo perene; dão-se mutuamente mil motivos de gozo e vivem cercados das consolações indizíveis duma companhia feliz e indissolúvel (FRANCISCO DE SALES, 1948, p. 6).

3 – A FACULDADE DA MEMÓRIA

Então disse eu: Esta é minha enfermidade, mas eu **me lembrarei** dos anos da destra do Altíssimo. **Comemorarei** os feitos do Senhor, sim, **me lembrarei** dos teus feitos da antiguidade. **Meditarei** também em todas as tuas obras e **ponderarei** os teus feitos. O teu caminho ó Deus, é em santidade. Tu és o Deus que operas maravilhas. Tens feito notória a tua força entre os povos. (BÍBLIA, **Salmo. 77:10-14**).

Em sua obra *Vida de Santo Antão*, Atanásio produz uma biografia desse que é considerado o pioneiro do cristianismo monástico. Dentre as muitas qualidades desse monge mencionadas por Atanásio, destaca-se a sua memória, ao ponto de o pai alexandrino declarar que Santo Antão tinha uma capacidade de reter de forma tão profunda o conteúdo de suas leituras e estudos que a sua memória lhe servia de livros. Sua memória era tão aguçada e prodigiosa que nada lhe escapava.

Se a meditação é a disciplina que coloca em exercício todas as faculdades da alma, é óbvio que ela não deixará de se utilizar da faculdade da memória. De fato, não há como realizar uma meditação proveitosa sem recorrer, em algum momento, ao conteúdo de nossa memória. Essas recordações servem como fundamentos para a nossa devoção e convicções. Elas são como que evidências grafadas no mais profundo de nossas almas. No salmo destacado acima, Asafe claramente exercita a faculdade da memória em sua disciplina contemplativa. Este fato fica evidente no uso que o salmista faz de determinadas palavras para falar de sua meditação. Todas elas, conforme observaremos abaixo, possuem íntima relação com a faculdade da memória.

3.1 – Lembrar

Lembrar é o ato de trazer ao presente o conteúdo mental de um evento ou situação passados, é o despertar de elementos que pareciam ausentes e confinados ao esquecimento. A lembrança tem, por assim dizer, o dom da ressurreição. Em momentos escorregadios e turbulentos ela é a tentativa da alma encontrar um solo firme em meios

às incertezas, o desejo de desfrutar da paz em meio à tribulação. O desejo de fugir ou escapar do sofrimento é um instinto natural de todo ser sensível, em especial dos seres humanos. Nesse sentido, a lembrança é uma forma que encontramos para fugirmos da dor, uma maneira, ainda que parcial, de nos colocarmos fora do sofrimento.

O exemplo de Asafe parece confirmar o que foi dito acima. A realidade que lhe cerca é de grande turbulência e incerteza, fato que deixa a alma do salmista profundamente angustiada. Em meio a essa agonia espiritual, ele usa a memória para lembrar dos feitos providentes de Deus na história do seu povo. Asafe sabe que a sua aflição é tão grande que sua alma, em certos momentos, recusa ser consolada, mas por meio da lembrança ele tem a convicção de que há um Deus que pode providenciar verdadeiro consolo; ele sabe que sua vida é incerta e instável como o viajante que caminha sobre o lodo do pântano, mas sua memória lhe dá certeza de que há um Deus que providencia verdadeiro livramento. Por isso pode declarar com tanta convicção que o Senhor é o Deus que opera maravilhas. Por meio da faculdade da memória a nossa mente é deslocada para a realidade passada, transportando-a ao presente. Na verdade, a lembrança é o ato de perpetuar uma determinada realidade, seja ela boa ou ruim. Quando a lembrança perpetuada é boa, alimentamos a esperança e a confiança, mas quando ela é ruim alimentamos o medo, o rancor e a insegurança.

3.2 – Ponderar

Ponderar é o ato de refletir acerca de uma determinada situação, o exercício mental que consiste em julgar e constatar se determinada realidade é plausível ou não. A ponderação é, nesse sentido, uma atividade intimamente ligada à nossa racionalidade. Não sem razão os gregos usaram para transmitir o sentido de ponderar a mesma palavra que usaram para compreender. No final das contas, a ponderação é uma tentativa de compreender, o desejo profundo de encontrar o sentido de determinada realidade. Por isso, por meio desse exercício, a memória, já alicerçada pelos pilares das lembranças, empreende uma tarefa de racionalização da situação posta. Nesse percurso, a realidade é esquadrihada, refletida, julgada e compreendida. Dito de forma sucinta, ponderar é, ao mesmo tempo, reflexão julgadora, desejo de conhecer e compreensão do que parecia sem sentido.

Novamente podemos explorar a realidade de Asafe na qual ele realiza a sua ponderação. O sofrimento parece ser sem sentido, tanto diante de sua vida aparentemente piedosa quanto diante de um Deus que é, ao mesmo tempo, poderoso e misericordioso. Diante da dor não é fácil ponderar. O sofrimento tem o poder de embrutecer a razão e a alma, entregue a experiência sofrível, não deseja razões, deseja apenas alívio. Mas o salmista pondera e consegue, por meio dessa racionalização do caótico, vislumbrar algum sentido. Baseado nas lembranças que pode ativar através da memória, ele percebe que é mais seguro confiar no Senhor, embora o absurdo do sofrimento tente levá-lo a uma atitude de incredulidade e desespero. Pela ponderação ele compreende que, se o Deus que opera maravilhas ainda não manifestou o seu livramento, é porque ele possui propósitos adequados para isso.

1.3 – Celebrar

O termo hebraico *hagag*, traduzido como celebrar foi usado inicialmente no contexto da comemoração anual das festas religiosas. É a palavra empregada para falar da observação das três principais festas judaicas: a páscoa, o pentecostes e a festa dos tabernáculos. Celebrar é, portanto, a repetição comemorativa de determinado evento ou fato passados. Nesse sentido, a celebração é uma das principais ações realizadas pela memória. De fato, a relação entre ambas é tão profunda que seria impossível pensar a celebração sem o auxílio da memória. Ainda que possam ser listados outros elementos, o ato de celebrar envolve três aspectos básicos: a exaltação, a gratidão e o contentamento. Na ação celebrativa, atribuímos glória a Deus, reconhecemos a grandeza do seu favor e manifestamos alegria por tudo que ele é e faz.

O percurso que a memória realiza durante a atividade meditativa compreende três momentos, não necessariamente sucessivos. Em momentos de aridez espiritual e turbulência recorreremos à memória para trazer a mente os livramentos e os atos providentes de Deus no passado. Esse deslocamento realizado pela ativação das lembranças nos possibilita certo alívio em meio ao sofrimento. Além disso, a memória nos permite, por meio da ponderação, uma espécie de racionalização do sofrimento. Ela nos leva a concluir que, embora pareça absurdo, é mais seguro confiar no Senhor, à luz das lembranças que podemos ativar por meio da memória. Por fim, exaltamos a Deus e manifestamos nossa alegria, mesmo nas horas turbulentas. Percebemos que o sofrimento,

embora pareça sem sentido, em meio a ele o Senhor nos concede a graça de experimentar a alegria da alma mesma quando a dor atormenta o corpo.

3.4 – Importância da memória

A memória é uma função do intelecto de fundamental importância para a atividade contemplativa. Através dela, aquele que medita, pode trazer ao seu pensamento situações em que a bondade e misericórdia divinas já se manifestaram em sua vida e na vida de outros servos de Deus. Tendo estes eventos firmes em sua memória, ele poderá descansar sossegado na fidelidade de Deus. De fato, será necessário ser absurdamente incrédulo ou ingrato para não reacender por meio da memória as cenas do livramento divino. Na verdade, a relação entre memória e gratidão é muito mais profunda do que aparenta. Se não tivéssemos a capacidade de lembrar jamais poderíamos expressar atitude de gratidão ou reconhecimento. Se todo o nosso passado fosse confinado ao esquecimento teríamos que nos acostumar à eterna incapacidade de agradecer. Além disso, também perderíamos a perspectiva do futuro, uma vez que nos tornaríamos prisioneiros do presente.

Quase todos os grandes clássicos da literatura devocional destacam a importância da memória para a meditação. Francisco de Sales (1948) diz que a contemplação dos benefícios de Deus leva-nos a uma atitude de admiração e profundo reconhecimento da bondade do Senhor²⁸. Inácio de Loyola (2011), no prefácio de seus *Exercícios espirituais*, destaca a importância da relação entre a meditação ou contemplação e a história²⁹. Há um poema atribuído a Thomas More ensinando-nos como cultivar uma meditação piedosa. Ele afirma em um dos versos que é preciso “ter continuamente na mente a paixão que Cristo sofreu por nós, e por seus benefícios incessantemente agradecer-lhe” (MORE apud (FOSTER; GRIFFIN, 2010, p. 21). Tomás de Kempis, ao discorrer sobre a vida interior em seu clássico *Imitação de Cristo*, ressalta a importância da consideração dos feitos divinos. De fato, o capítulo denominado “Da recordação dos inumeráveis benefícios de Deus é introduzido com uma oração bastante comovente e desafiadora:

Abri, Senhor, meu coração à vossa lei e ensinai-me o caminho dos vossos preceitos. Fazei-me compreender a vossa vontade, e com grande reverência e

diligente consideração rememorar os vossos benefícios, gerais ou particulares, para assim render-vos por eles as devidas graças. Bem sei e confesso que nem pelo menor benefício vos posso render condignos louvores e agradecimentos. Eu me reconheço inferior a todos os bens que me destes, e quando considero vossa majestade, abate-se meu espírito com o peso de vossa grandeza ” (TOMÁS DE KEMPIS, 2008, p. 119).

3.5 – A purificação da memória

A exemplo das faculdades anteriores, a memória pode ser exercitada tanto positiva quanto negativamente. Como observamos, ela pode ser instrumento de confiança, esperança e grande consolo espiritual, não obstante, ela pode servir como abrigo do ódio, do medo, do ressentimento e do espírito de derrota; podemos empregá-la para ficar ruminando os insucessos ou as desilusões amorosas. Com isso podemos ficar presos a uma realidade permanentemente sofrível, já que a memória tem o dom de ressuscitar o passado a cada instante. A cada momento, o passado doloroso pode ressurgir para furtar a nossa paz e o ódio pode cristalizar-se em amargura por meio da repetição das lembranças na mente. Por conseguinte, também é necessário que essa faculdade seja disciplinada, purificada e santificada. A título de aprofundamento, abaixo serão enumeradas algumas das principais características de uma memória santificada.

3.5.1 – A esperança

A relação entre a memória e a esperança é bastante interessante. Ambas possuem a virtude do deslocamento, podendo, por conta disso, nos projetar para além da situação presente. A memória nos projeta para o passado, onde podemos encontrar um porto seguro diante de uma realidade caótica, a esperança, por sua vez, nos projeta para o futuro, pinta em nossa mente uma imagem vívida do que seria a realidade para além da experiência sofrível. Esperança e memória são como os dois corcéis que formam a parrelha. O sucesso da corrida depende da harmonia e sintonia entre eles. Se o corcel da esperança correr sozinho, ele pode nos projetar para um futuro incerto, por outro lado, se o corcel da memória não estiver acompanhado, o nosso destino será a prisão escura do imediatismo. É por disso que a memória verdadeiramente santificada é aquela que forma uma parrelha perfeita com a esperança, que na hora de aridez espiritual nos arremessa para o solo firme da graça de Deus e, ao mesmo tempo nos faz viver antecipadamente o seu livramento.

A meditação é o momento propício para exercitar a memória, mas não uma memória repleta de imagens tortuosas, fracassos cristalizados e caminhos odiosos; é necessário que ela esteja plena de esperança e que, sobretudo, esta esperança seja a luz que dissipa todas as trevas da alma, que alivia toda a dor, o sofrimento. Quem medita com uma memória purificada pode dizer como o salmista que, no momento da tribulação, se lembra de Deus, espera em Deus e está convicto de que ainda o louvará pela sua grandiosa salvação. (Sl. 42).

3.5.2 – O consolo

Chamamos consolo não apenas o alívio de determinado sofrimento, mas, sobretudo, uma atitude de profunda serenidade e equilíbrio diante do mesmo. O consolo nos permite contemplar a hora da aflição sob outra perspectiva, nos faz perceber que a dor não é tão intensa quanto parece. O sofrimento produz o desespero e o desespero, por sua vez agiganta o sofrimento. Quem tem a alma consolada não desespera porque sabe que há um Deus infinitamente maior do que qualquer tribulação. O seu consolo não é apenas o alívio da dor, mas a certeza de que sua vida está inescapavelmente nas mãos do Senhor. Novamente, memória e consolo trabalham em harmonia. Na verdade, as imagens passadas que podem ser mobilizadas pela primeira servem de fundamento para a segunda. É o que podemos constatar nas palavras do salmista quando afirma: “Lembro-me, Senhor, dos teus juízos passados e me conforto”. (Sl. 119:52). O salmista olha ao seu redor e percebe que os ímpios se multiplicam. Essa constatação poderia levá-lo ao desespero, não o faz porque sua alma está consolada pela visão da eterna justiça do Senhor. Uma memória assim purificada pode se dedicar à contemplação do Senhor por meio da meditação.

3.5.3 – A exaltação

Uma memória santificada espera porque sabe que a sua esperança não é vã. Além disso, o consolo lhe permite uma visão adequada do sofrimento e, sobretudo, de Deus. Diante dessa firmeza e serenidade, não há outro caminho que a alma deseje seguir a não ser o caminho da exaltação, do louvor. Aquele que está pleno da esperança e do consolo divinos só pode se derramar na mais tocante exaltação ao Senhor, ainda que o sofrimento

seja um convite ao desespero e à murmuração. É o que observamos na experiência do salmista. Embora ele seja perseguido sem causa pelos poderosos, seja alvo da mentira e do engano, ele afirma que, sete vezes ao dia, louva ao Senhor pelos seus justos juízos (Sl. 119:161-168). A situação caótica lhe convida para o desespero, mas sua memória lhe convida para a exaltação.

4 – A FACULDADE EMOTIVA

“Emudeci em silêncio, calei acerca do bem e a minha dor se agravou. O meu coração ardia dentro de mim; enquanto eu meditava, ateou-se o fogo; então, disse eu com a própria língua: Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim e qual a soma dos meus dias, para que eu reconheça a minha fragilidade”. (BÍBLIA, **Salmo**. 39:2-4).

O uso das emoções na disciplina meditativa é um assunto pouco discutido. Para alguns, a manifestação dos afetos não seria compatível com o rigor quase ascético que marca a vida contemplativa. O problema é que o nosso conceito de meditação é muito menos bíblico do que pensamos. Na verdade, a nossa compreensão da vida contemplativa é muito mais tributária do monasticismo medieval do que da tradição bíblica. Ela prioriza a aridez e o rigor da disciplina em detrimento do componente emotivo. Em nossas mentes ainda há a imagem de que aquele que se entrega à meditação é uma espécie de monge, cuja vida é marcada pela ascese e pela frugalidade, alguém que foi capaz de anular todas as suas emoções, totalmente insensível.

Além disso, há o perigo de pesarmos a faculdade emotiva a partir dos excessos do emocionalismo, o que nos leva a considerar a manifestação das emoções com certa reserva. Castramos o componente afetivo porque tememos cair em um sentimentalismo banal e apelativo. Tal atitude não encontra respaldo em uma compreensão bíblica, senão meramente em distorções conceituais. Cabe, no início desta seção reiterar a tese defendida ao longo desse ensaio. A de que a meditação é a disciplina que exercita todas as faculdades da alma, inclusive as emoções. Com efeito, não existe argumento que justifique a frequente negligência em relação a esta importante faculdade da alma.

O contexto do salmo 39, de onde foi destacado o trecho acima, dá a entender que Davi estava sendo alvo da correção divina. O texto não é suficientemente claro quanto à natureza dessa correção. A expressão flagelo empregada no verso 10 pode sugerir uma

enfermidade física, mas também há a possibilidade de pensar esse castigo como uma derrota de Davi diante de seus adversários. Seja o que for, o fato é que essa situação abateu profundamente a alma do rei de Israel, a sua tristeza é flagrante e sua meditação é um momento de extravasamento desse turbilhão de sentimentos confusos que atormentam a sua alma. O salmista sabe que sua meditação será inautêntica e pouco proveitosa se ele tentar ocultar os sentimentos que lhe afligem. Nas expressões destacadas abaixo podemos como o salmista extravasa gradativamente a sua aflição.

4.1 – Emudeci no silêncio da resignação

Diante do sofrimento que aflige a alma, o salmista se volta para dentro de si. Nesse primeiro instante, são de balde as tentativas de racionalização da dor. Tudo o que existe é um silêncio resignado, não há a busca de explicações, apenas o recolhimento da alma diante da experiência sofrível. O silêncio da resignação não é necessariamente o silêncio da aceitação racional da dor. Como já foi destacado, o sofrimento tem o poder de embrutecer a consciência e tornar míope a visão da alma. Dessa forma, o estar calado, nesse contexto, parece indicar não uma aceitação, mais uma recusa da dor, o que, a propósito, é um instinto natural a todo ser humano. A fuga no silêncio é própria daquele que tem a alma dilacerada pelo sofrimento e tenta, a princípio, evitar essa realidade dolorosa, trata-se do silêncio que não quer falar para si mesmo. O silêncio e a resignação também não devem ser entendidos como um momento de contensão ou repressão dos sentimentos, mas como um instante de extravasamento, o primeiro passo do processo catártico das emoções feridas.

4.2 – Calei acerca do bem

Passado o primeiro impacto da experiência dolente, a alma se esforça para racionalizar o sofrimento, uma tentativa de encontrar alívio em meio a dor. No caso do salmista, a sua angústia é tão opressiva, tão desorientadora, que essa primeira tentativa de racionalização da dor é completamente inútil. Tudo que lhe resta é um silêncio inquietante acerca do bem. Calar-se acerca do bem, como no caso anterior, expressa uma atitude de recusa. Há um questionamento velado nessa afirmação: como um Deus infinitamente bom pode permitir que o mal abata os seus servos de forma tão devastadora. O salmista tenta

encontrar uma explicação para esse dilema, como não o encontra, prefere refugiar-se no silêncio. Nesse primeiro momento, o mal parece não se encaixar em sua imagem do Deus amoroso, por isso, ele prefere estar calado.

4.3 – Minha mágoa se agravou

A mágoa é o sentimento que invade a alma quando as primeiras tentativas de racionalização do sofrimento fracassam, além disso, é o momento marcado pela percepção da impossibilidade da fuga. A mágoa é, por assim dizer, o primeiro momento de entrega real à experiência sofrível. Não sem razão, uma das palavras empregadas no Antigo Testamento é da mesma raiz de amargo. Nesse momento o sofrimento toca profundamente tanto os sentidos quanto a consciência. O salmista sabe que não é possível tentar camuflar ou tentar fingir a existência da dor que se abate sobre a sua alma e, por meio do agravamento da mágoa, extravasa os sentimentos que lhe perturbam.

4.4 – O meu coração ardia

O agravamento da mágoa ainda não representa o ápice do sofrimento do salmista. Aos poucos Davi vai intensificando o extravasamento dos sentimentos angustiantes que ferem a sua alma. A metáfora do coração é bastante significativa nesse contexto. Tomado para representar o centro da vida afetiva, o termo expressa o modo como o sofrimento atinge intimamente o salmista, é o como se ele quisesse dizer que, nessa hora turbulenta, a experiência sofrível inunda todo o seu ser. Se o agravamento da mágoa pode ser descrito como o primeiro instante de entrega real à dor, este é o momento de atuação do sofrimento. Para complementar o sentido da metáfora Davi emprega o verbo arder, pintando com isso um quadro perfeito do modo como o sofrimento lhe atinge. O verbo confere maior intensidade às emoções do salmista e, ao mesmo tempo, introduz o momento seguinte do extravasamento.

4.5 – Ateou-se o fogo

O ardor ou ardência é o estado que antecede o fogo propriamente dito. Antes de ser tomado pelas chamas um corpo esquentase, aquece e arde. Com a figura do fogo o salmista chega a um momento crítico no extravasamento das suas emoções. O fogo é a

figura por excelência para representar o poder destrutivo, o elemento que, com seu ímpeto e calor, reduz a cinzas tudo que encontra pelo caminho. A introdução da figura do fogo serve para minar qualquer sinal de solução para o sofrimento. A ideia é que a dor se tornou tão intensa, tão sensível que é praticamente impossível contê-la. Esse é o momento em que o poder do sofrimento é evidente e o sentimento de impotência do salmista é flagrante.

4.6 – Faze-me conhecer o meu fim

Durante o extravasamento das suas emoções, o salmista expressa todos os sentimentos que lhe afligem a alma. A sua primeira reação diante do sofrimento é de resignação, uma espécie de silêncio recusador em face da experiência sofrível. Ferido, ele tenta racionalizar a dor, como isso a princípio não é possível, desiste de tentar compreender o bem. Há um momento em que se percebe a impossibilidade de fugir à dor. É preciso ser atravessado por ela sem camuflagens e fugas. A partir daí a dor se intensifica até expressar todo o seu poder, reduzindo a quase nada as forças do salmista. O ápice do extravasamento é marcado por uma entrega total ao sofrimento. Davi roga ao Senhor para que abrevie os seus dias, talvez, pressupondo que o fim da sua existência representasse o ponto final da experiência sofrível.

4.7 – Importância das emoções na meditação

Não há dúvida que a meditação é uma atividade racional e que só é possível exercitar-se nela por meio da faculdade reflexiva do intelecto. Entretanto, a vida contemplativa não descarta o uso do componente afetivo e emotivo. Poderíamos nos arriscar em dizer que a meditação é a melhor possibilidade de encontro entre estas importantes faculdades humanas: a razão e a emoção. A meditação que não for capaz de umedecer nossos olhos ou aquecer os nossos corações com os prazeres mais inefáveis é mero exercício intelectual e, por conseguinte, completamente estéril. É importante usar a mente para visualizar as verdades divinas ou para recordar os feitos providenciais de Deus, mas essas imagens abstratas precisam descer ao coração. Devem despertar em nós a tristeza, a alegria, o temor, o espanto, etc. Tristeza a cada vez que contemplamos a monstruosidade de nossa incredulidade e ingratidão ou a experiência angustiante da dor,

alegria quando, apesar disso, temos a experiência da fidelidade divina, temor quando nos deparamos com uma única centelha da justiça divina, e espanto quando paramos perplexos diante da grandeza inexprimível do Criador.

NOTA FINAL

À luz do que foi afirmado acima, podemos concluir que a meditação restauradora precisa ser realizada por uma mente concentrada e por um coração inflamado. É preciso que a mente tenha asas para penetrar os recônditos divinos, mas também é necessário que o coração seja sacudido pelo profundo turbilhão das emoções. O solo frio da nossa razão precisa sempre ser aquecido pelo calor das emoções, mesmo que sejam as emoções que brotam no solo árido das horas turbulentas. A meditação, no sentido genuinamente bíblico, é uma identificação profunda com Deus, é colocar-se por inteiro diante do Criador e de sua providência, por isso ela precisa preencher cada centímetro do nosso componente afetivo. Foster (1983, p. 54) capta bem esta verdade quando define a meditação como a comunicação entre a Fonte do amor e o ser amado. Em suma, é preciso ter a mente deslumbrada e absorvida pela concentração e um coração sensível para poder penetrar nas profundezas divinas. Sem isto, a meditação não passa de exercício ritualístico.

No equilíbrio entre o intelecto e as emoções que deve marcar o exercício da meditação, a memória e a imaginação cumprem um papel fundamental. Isso porque essas faculdades não apenas ressuscitam ou antecipam imagens em nossa mente, elas também estimulam a nossa dimensão afetiva e passional. Essas imagens, para além de sua representação conceitual, afetam profundamente os nossos sentimentos. Uma imagem trazida à memória ou antecipada pela imaginação pode despertar em nós o medo paralisante ou inundar nossa alma com a mais inexplicável alegria. Definitivamente, a meditação é a disciplina que coloca em atuação todas as faculdades da alma, exercita-nos para a contemplação das verdades eternas e nos motiva a vivermos nesta vida com base nestas verdades contempladas, tal qual encontramos exemplificado na experiência dos salmistas.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada:** antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

FOSTER, Richard. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. 2. ed. São Paulo: Vida, 1983.

FOSTER, Richard; GRIFFIN, Emille. **Celebrando as 12 disciplinas espirituais**: textos clássicos sobre as disciplinas interiores, exteriores e comunitárias. São Paulo: Vida, 2010.

GUYON, Jeanne. **Experimentando Deus através da oração**. Rio de Janeiro: Danprewan, 2000.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo; Vida Nova, 1998.

JOÃO DE APAMEIA. **Carta a Hesíquio**. Disponível em: <http://cocp.50webs.com/> (Acessado em 20 de julho de 2011).

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Hedra, 2008.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOYOLA, Inácio de. **Exercícios espirituais**. Disponível em <http://espaco-de-paz.awardspace.com/ExerciciosInacio.pdf> (Acessado em 12 julho de 2011).

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SALES, Francisco de. **Filoteia ou introdução à vida devota**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1958.